

## 4F: Hugo Chávez e o Dia da Dignidade Nacional na Venezuela (1999-2013)

4F: Hugo Chávez y el “Día de la Dignidad Nacional” en Venezuela (1999-2013)

**Jorge Luiz Ribas**  
Graduação em História  
Universidade Estadual de Montes Claros  
jorges.ribas@outlook.com

**Recebido em:** 17/08/18

**Aprovado em:** 25/11/18

**Resumo:** Neste artigo será abordada a produção simbólica na Venezuela contemporânea por meio da cerimônia do “Dia da Dignidade Nacional” criada pelo governo de Hugo Chávez (1999-2013). Serão discutidos os mecanismos de diálogo de Chávez com a sociedade venezuelana com a finalidade de legitimar-se e produzir, em torno de si, um mito político. Para tanto, tomamos como referência os discursos de Hugo Chávez proferidos nas comemorações entre os anos em que esteve na presidência do país. As comemorações, que celebram a tentativa de golpe de Estado encabeçada por Chávez em 1992, são momentos privilegiados em que se evidenciam a importância do discurso patriótico e o recurso à memória social referente principalmente às décadas de 1980 e 1990 – período de convulsões sociais, políticas e econômicas no país – tendo em vista situar o governo Chávez como uma ruptura do passado e a vanguarda da construção de uma nova nação sob sua liderança.

**Palavras-Chave:** Hugo Chávez, Dia da Dignidade Nacional, Venezuela.

**Resumen:** En este artículo se abordará la producción simbólica en Venezuela contemporánea a través de la ceremonia del "Día de la Dignidad Nacional" creada por el gobierno de Hugo Chávez (1999-2013). Se discutirán los mecanismos de diálogo de Chávez con la sociedad venezolana con la finalidad de legitimarse y producir, en torno de sí, un mito político. Para ello, tomamos como referencia los discursos de Hugo Chávez pronunciados en las conmemoraciones entre los años en que estuvo en la presidencia del país. Las conmemoraciones, que celebran el intento de golpe de Estado encabezado por Chávez en 1992, son momentos privilegiados en que se evidencian la importancia del discurso patriótico y el recurso a la memoria social referente principalmente a las décadas de 1980 y 1990 - período de convulsiones sociales, políticas y económicas en el país, con

el fin de situar al gobierno de Chávez como una ruptura del pasado y la vanguardia de la construcción de una nueva nación bajo su liderazgo.

**Palabras-Clave:** Hugo Chávez, Día de la Dignidad, Venezuela.

### Introdução

Hugo Rafael Chávez Frías foi presidente da Venezuela entre 1999 e 2013, encabeçando um governo que se estenderia até 2019, somando ao todo 21 anos, não fosse sua morte. O período em que presidiu o país marcou profundamente a história venezuelana, que ganhou destaque internacional e uma maior atuação na geopolítica do continente latino-americano. Foram quase 15 anos de um governo de cunho personalista com ampla margem de popularidade, um tempo considerável de permanência no poder através de mecanismos democráticos. Durante todo o seu governo, foram realizados diversos referendos à população, dos quais Chávez perdeu apenas um, por uma pequena margem de votos.

As medidas mais impactantes deram-se nos primeiros cinco anos de gestão. Em abril de 1999, pouco depois de se empossar, Chávez promoveu um plebiscito para votar a formação de uma Assembleia Constituinte responsável pela criação de uma nova Constituição, que contou com 88% de votos favoráveis. Em julho desse ano, nas eleições para os representantes da Assembleia, as forças ligadas a Chávez obtiveram a grande maioria das cadeiras, ocupando 119 das 131 cadeiras disputadas. A nova Constituição foi aprovada em dezembro contando com 71% dos votos favoráveis e 28% contra (GOTT, 2004, p. 200). Além disso, concedeu votos aos militares e uniu o poder Legislativo, que era bicameral, em apenas uma câmara, para acelerar projetos em trânsito. O mais simbólico foi a alteração do nome do país para República Bolivariana de Venezuela, em reverência ao “Pai da Pátria”, “O Libertador” Simón Bolívar (1783-1830), consagrado herói da independência venezuelana no século XIX.

Com a nova Constituição, novas eleições foram marcadas para julho de 2000 e os cargos eletivos foram postos novamente em disputa. Chávez venceu a corrida presidencial com uma margem de apoio ainda maior em relação ao pleito anterior: 59,7% dos votos. Em agosto de 2004, houve um referendo revogatório, permitido pela Constituição e utilizado pela oposição, em que se votou quanto a permanência ou não de Chávez no poder. Com 59,1% dos votos, venceu novamente, sendo que dois meses depois desse referendo, a eleição para governadores estaduais

resultou na vitória de 20 governadores aliados ao governo, num total de 22 (VILLA, 2005, p. 162-168). Em 2006, Chávez se reelege presidente com 62% dos votos. São questões políticas que criaram uma situação absolutamente nova.

Embora esse sucesso eleitoral dê uma aparência de estabilidade política, os primeiros anos do governo Chávez foram de intensa instabilidade, numa sociedade profundamente marcada pela polarização e com graves problemas socioeconômicos. Os abalos desse quadro chegaram ao clímax em três momentos específicos: em abril 2002, Chávez sofreu um golpe Estado empreendido pela oposição e apoiado por setores empresariais, midiáticos, militares e principalmente da classe média alta, que o manteve afastado do poder durante dois dias, sendo restituído ao cargo após manifestações populares (principalmente de bairros pobres) junto a setores militares fiéis ao presidente. No final do mesmo ano, enfrentou uma greve da empresa petrolífera, principal motor da economia nacional, que durou até o início de 2003. E, por fim, mas ainda endossando a situação defensiva e delicada do governo, ocorreu o referendo revogatório presidencial em 2004.

De modo que ao tempo que Chávez era um fenômeno político e eleitoral, enfrentava sérios obstáculos internos, tão sérios que chegaram a destituí-lo do poder num orquestrado golpe articulado pela oposição com o conluio da mídia tradicional. No entanto, permaneceu na presidência, e sua popularidade correu em altos patamares até o fim de seu governo. O tom dramático dos acontecimentos políticos na Venezuela em torno de Chávez chamou atenção de diversos observadores de várias partes do mundo, e gerou também a necessidade de explicações para seu êxito em transitar por um turbulento cenário, tornando-se uma figura especialmente emblemática no plano político da América Latina.

Chávez ascendeu ao poder num contexto de desgaste político dos partidos tradicionais em meio à grave crise econômica e representativa das décadas de 1980-90. Além do fortalecimento do executivo, as políticas sociais implementadas por seu governo em favor da população marginalizada, marcadas também pela sensação de maior participação social nas decisões de governo (haja vista as diversas consultas eleitorais dos primeiros anos), diante de uma oposição desacreditada num país dividido e em crise, certamente foram fatores que contribuíram para a adesão à sua figura (VILLA, 2005, p. 163-168). Mas evidentemente, por se tratar de um

fenômeno político complexo, outras reflexões passam a habitar o debate, porque a política não se explica meramente a nível racional e de medidas administrativas. Os elementos em jogo numa determinada conjuntura donde emergem certos líderes não escapam a efeitos do plano simbólico, da atuação do imaginário, da cultura, dos mitos, da teatralização e encenação do poder que envolvem toda a sociedade, como demonstra Georges Balandier (1982) em *O Poder em Cena*.

Durante mais de uma década Hugo Chávez expressou notoriamente o quanto o poder institucional se constitui, para se fortalecer, de elementos dramáticos pertencentes a toda coletividade. Os elementos presentes numa dada cultura, partilhado por diferentes setores, são canalizados e manejados de acordo circunstâncias e interesses de um grupo para se estabelecer, alcançar seus objetivos e causar efeitos políticos práticos. O plano simbólico é componente do real, e como tal, o domínio do político não lhe escapa. Por reflexo dessa constatação, é perceptível a urgência de investigações em busca de explicar quais mecanismos, além do notoriamente superficial e técnico, teriam estruturado o diálogo de Hugo Chávez com a sociedade venezuelana que permitiram consolidar a legitimidade, a mobilização e, muito importante, o consenso, mesmo que nunca completo, em torno de si. Pois a toda mudança, a cada medida, em torno de cada pleito eleitoral, Chávez adicionou elementos simbólicos, expôs em tela e montou sua dramaturgia que também colocava em cena a sociedade, parte imprescindível do teatro do poder, em cuja interação se constrói uma identidade, a estabilidade e o equilíbrio possível, demarca espaços, cria sentidos, incita a adesão, como instrui Baczkó (1985). Para este autor, o imaginário coletivo intervém no exercício do poder, principalmente no poder político, que se pretende eficaz em influenciar decisões e ações na coletividade.

Chávez se municiou de uma vasta constelação simbólica no exercício do poder, mas recorreu especialmente ao mito da nação e da unidade latino-americana, colocando-se como um salvador nacional, sucessor de Simón Bolívar na missão de concluir a independência da Venezuela que permanecia inacabada em fins do século XX, com suas defasagens sociais e políticas. Nos termos contemporâneos, Chávez enfatizou a persistência da exploração nacional, de sua principal riqueza, o petróleo, por uma potência estrangeira e imperialista, os Estados Unidos, aliançada à uma elite apátrida, em detrimento do povo venezuelano. Se outrora Bolívar lutara contra a metrópole espanhola, a independência foi traída por uma burguesia oligarca e entreguista, porém estava predestinada a ser retomada sob sua liderança.

Foi dada a devida atenção por pesquisadores à apropriação do símbolo nacional como importante chave para a compreensão, mesmo que parcial, mas imprescindível, do fenômeno Chávez. As conclusões são aproximadas e vão em direção ao que descreveu Gilberto Maringoni em *A Revolução Venezuelana*, título bem ao gosto do próprio Chávez, que colocou em marcha um projeto revolucionário no país: além de fazer culto a Bolívar, numa versão altamente idealizada em proveito de si próprio e do seu projeto de governo, em incontáveis pronunciamentos e cerimônias Chávez definiu uma narrativa linear que estabelecia uma continuidade entre as guerras de independência e sua ação no governo (MARINGONI, 2009, p. 172). Bolívar é patrimônio cultural da Venezuela, profundamente enraizado no imaginário nacional. Diversas figuras políticas, ao longo da história, utilizaram de sua imagem em busca de legitimação política. Chávez, neste ponto, não tem nenhuma exclusividade, mas possui sua originalidade enfática criando um Bolívar completamente alinhado aos seus ideais, patrono de todas as suas aspirações e medidas na construção do “Socialismo do Século XXI”. Com Chávez, o ícone nacional ganhou mais uma versão adaptada às circunstâncias<sup>1</sup>, como eterno instrumento político, que atesta a permanência do dinamismo entre o simbólico e a sociedade na construção das esferas do poder na contemporaneidade.

Portanto, na construção da figura pública de Hugo Chávez enquanto esteve à frente do poder, foram misturadas as políticas socioeconômicas que são inseparáveis da carga simbólica atribuída a elas pela ideologia bolivariana do presidente, o que teria aumentado a capacidade mobilizadora e afetiva em torno do “chavismo”. Como chegara ao poder num contexto de crise e desgaste do sistema político tradicional, Chávez logrou situar-se como uma ruptura ao passado dominado pelos “traidores da pátria”, perpetuadores da miséria, e, sob a bênção d’O Libertador, deu abertura ao novo.

Contudo, para além de uma explicação restritamente “bolivariana” do arcabouço simbólico chavista, interessa-nos aqui demonstrar que Chávez buscou acontecimentos e aspectos históricos do passado recente da Venezuela, das duas últimas décadas do século XX, presentes na memória coletiva do país, que foram muito eficazes na construção dos significados de seu

---

<sup>1</sup> Maria Lígia Coelho Prado, no breve texto intitulado *Bolívar em várias versões*, publicado na Folha de São Paulo de 21 de agosto de 2007, compara as complexas posições de Bolívar sobre alguns assuntos presentes em documentos históricos e a construção mítica promovida por Chávez, destacando consideráveis distâncias nas convicções ideológicas dos dois.

governo, de seus ideais e de sua imagem mítica. Trata-se da festa cívica de 4 de fevereiro, o “Dia da Dignidade Nacional”, em que há uma ênfase em Chávez como herói, por seus próprios méritos, num culto à sua imagem como redentor nacional e dignitário perpétuo da condução dos venezuelanos.

### **Do “Punto Fijo” a “Operação Zamora”**

O “Dia da Dignidade Nacional” refere-se ao 4 de fevereiro de 1992, quando Hugo Chávez, à frente do Movimento Bolivariano Revolucionário (MBR-200)<sup>2</sup>, tentaram um golpe de Estado contra o então presidente Carlos Andrés Pérez, que malogrou e foram detidos. Antes de prosseguir, é necessário fazer uma breve recapitulação histórica do contexto dessa sublevação.

Nos quarenta anos que antecederam a chegada de Chávez à presidência, a Venezuela foi governada por políticos de duas principais agremiações partidárias – Ação Democrática (AD) e o Demócrata Cristão (Copei) – que, através de uma articulação política conhecida como pacto “Punto Fijo” (Ponto Fixo), conduziram a política do país sem fortes abalos ou rupturas no plano político e institucional. O controle político por uma elite circunscrita aos dois partidos teve sua estabilidade assegurada pelas grandes reservas de petróleo, que forneceram ao país relativa tranquilidade econômica, com gradativo aumento na qualidade de vida dos cidadãos no período de “bonança petroleira” da década de 1970 (MARINGONI, 2009, p. 67-70). Entretanto, no decorrer da década de 1980, a “década perdida” de crise econômica e aumento da dívida externa, tal arranjo partidário sofreu um vertiginoso desgaste e perdeu sustentação diante do agravamento da crise social que desembocou em grandes mobilizações de civis insatisfeitos nas principais cidades do país.

Os anos de 1980-90 foram marcados pela expansão da doutrina econômica neoliberal na América Latina, que em poucas palavras, prega o fim da intervenção do Estado na economia,

---

<sup>2</sup> De inspiração bolivariana, o movimento foi fundado em 1982 por um grupo de jovens oficiais do exército, liderados por Chávez, e se comprometia a lutar pela emancipação nacional da Venezuela e pela superação dos problemas sociais. O número 200 refere-se ao bicentenário de Simón Bolívar, que seria comemorado no ano seguinte, em 1983. A fundação do movimento se deu debaixo da árvore Samán de Guère, a lendária, sob cujos galhos se diz que Bolívar teria dormido antes da Batalha de Carabobo, decisiva para a independência, em 1821. Depois de formado o grupo, os militares juraram tal como Bolívar no monte Aventino, em Roma, em 1805, quando comprometera-se a libertar a América do domínio espanhol: “Juramos pelo Deus de nossos pais, juramos por eles, juramos por nossa honra e juramos por nossa pátria, que não daremos descanso a nossos braços e nem repouso a nossa alma, até que tenhamos quebrado as correntes que nos oprimem e oprimem nosso povo por vontade dos poderosos” (Citado em MARINGONI, 2009, p. 85-87).

medidas privatistas do patrimônio público, acompanhadas de cortes de investimentos sociais, para saldar a dívida externa e desonerar os cofres públicos. Esta receita foi definida para os países da América Latina no Consenso de Washington, em 1989, nos Estados Unidos, principal credor do continente. No caso da Venezuela, antes mesmo das medidas de corte nos gastos sociais, privatizações e precarização dos serviços públicos que colocariam fim nos “bons tempos” de bonança serem implantadas, explodiram protestos numa escala de mobilizações sem paralelos no continente. O auge da ebulição social se deu em 1989 com o *Caracazo*, quando uma multidão proveniente, sobretudo, dos bairros mais pobres insurgiu na capital com depredações, saques, e barricadas em combate às medidas neoliberais, que aumentaram o preço do combustível, o custo de vida, a pobreza e afetou o funcionalismo público. A revolta, que tomou dimensões nacionais, foi marcada por forte repressão que resultou na morte de centenas de manifestantes. Soma-se a isso o alto índice de corrupção que afetava o cada vez mais desgastado sistema bipartidário do país. Em consequência desses acontecimentos, fortaleceu-se o sentimento de desesperança e apatia política. Afeitos a um Estado que mantinha minimamente os serviços básicos da sociedade com recursos provenientes do petróleo, os ajustes econômicos desencadeados no final da década de 1980 criaram um cenário de verdadeiro caos (MARINGONI, 2009, p. 71-75; GOTT, 2004, p. 72-74; CASTAÑEDA, 1994, p. 22-23).

Foi nesse contexto de crise social e representativa que Hugo Chávez irrompeu no cenário político. Contrário às medidas econômicas do governo, na intenção de reverter tal situação, o MBR<sup>3</sup> planejou a “Operação Zamora”, nome que homenageia Ezequiel Zamora, general da Guerra Federal (1859-1863). A operação foi posta em prática no dia 4 de fevereiro de 1992, quando assaltaram o poder em Caracas e Valência para destituir o presidente Pérez. O plano havia sido delatado e os insurgentes foram rendidos no Palácio de Miraflores, a casa presidencial. O tenente-coronel Chávez, como líder do grupo, pronunciou um discurso de 1 minuto e 20 segundos, que foi exaustivamente divulgado por todo o país:

Antes de mais nada, quero dar bons dias a todo o povo da Venezuela, e esta mensagem bolivariana é dirigida aos valentes soldados que se encontram no Regimento de Pára-Quedistas de Aragua e na Brigada Blindada de Valência. Companheiros, lamentavelmente, *por enquanto*, os objetivos que nos propusemos não foram atingidos na capital. Quer dizer, nós, aqui em Caracas, não conseguimos controlar o poder. Vocês o fizeram muito bem aí, mas já é

<sup>3</sup> Geralmente, refere-se ao MBR omitindo o número 200 que o acompanha em seu nome oficial.

tempo de refletir, e virão novas situações e o país tem de rumar definitivamente para um melhor destino. Assim, ouçam o que digo. Ouçam o comandante Chávez, que lhes lança esta mensagem para que, por favor, reflitam e deponham as armas porque já, na verdade, os objetivos que nos traçamos em nível nacional, é impossível atingi-los. Companheiros: Ouçam esta mensagem solidária. Agradeço-lhes sua lealdade, agradeço-lhes sua valentia, seu desprendimento, e eu, perante o país e vocês, *assumo a responsabilidade* por este movimento militar bolivariano. Muito obrigado (grifo meu) (MARINGONI, 2009, p. 95-96).

Foi uma circunstância excepcional em que alguém desconhecido canaliza em sua figura uma rede de insatisfações sociais, causando identificação, e se estabelece como um herói e salvador circunstancial, esse fenômeno repentino, que pega a todos de surpresa, discutido por Raoul Girardet (1987, p. 63-93). A breve pronúncia de Chávez foi um verdadeiro show midiático e dramático, por quebrar a rotina do país e alcançar uma vitória simbólica. De um ilustre anônimo, tornou-se uma das figuras mais famosas da Venezuela. O discurso foi repetido diversas vezes na TV, com o comandante assumindo a responsabilidade do ato num país mergulhado na corrupção. O momento ainda rendeu um lema político improvisado que seria bastante explorado no futuro: Chávez afirmou que “por enquanto” (*por ahora*, em espanhol) seus objetivos não haviam dado certo, como um prenúncio de seu retorno.

Segundo Maringoni (2009), a expressão ficou famosa. Sugestivamente, “por enquanto” é algo que *ainda* está em andamento, sem ter chegado ao fim e sem ter sido de todo derrotado. Em seguida, Chávez diz que “o país tem de rumar definitivamente para um melhor destino”. Iria Puyosa, que analisou os discursos de Chávez, escreveu que “en ese contexto, era casi lógico que ante un hombre que asumía la responsabilidad se gestara el mito; además, un mito con el mote bolivariano” (PUYOSA, 1998, p. 75). Não houve nenhuma manifestação popular pró-golpe nos dias que se seguiram ao fracasso do levante, mas isso não escondia a situação calamitosa do país. Mesmo que os revoltosos não tivessem angariado a adesão civil, e ela nem mesmo foi solicitada por alguma campanha, isso não significa que não tenha atraído simpatia, por ser um movimento desvinculado da política tradicional, refletindo sintomaticamente a desilusão geral quanto ao governo de Andrés Pérez.

Chávez ficou dois anos preso, até 1994, quando foi posto em liberdade junto com seus companheiros. O caminho das armas não havia dado certo, mas o poder não lhe saiu do horizonte. Os próximos anos foram dedicados a alcançá-lo, dessa vez por via democrática. O

desgaste do *satus quo* dos políticos tradicionais não diminuiu no decorrer da década de 1990 de continuidade das políticas neoliberais, apesar de serem negadas em campanha, mas traduzidas em aumento do desemprego, inflação, insegurança e deficiência dos órgãos públicos. A popularidade de Chávez, ao contrário, crescera desde 1992. À frente do partido MVR<sup>4</sup> (Movimento Quinta República) e articulado a outros pequenos grêmios políticos, Chávez venceu em 1998 a eleição para presidente da Venezuela com um discurso renovador. O golpe fracassado se mostrou um golpe de sorte.

A partir de então, um acontecimento na história que poderia ter sido notado apenas no momento em que ocorreu, transmutou-se num emblema nacional. Dois dias depois de se empossar na presidência, foi promovida uma manifestação pública no dia 4 de fevereiro, de cunho retrospectivo, que conferiu ao episódio de 1992, mais que à vitória eleitoral, a grandiosidade e solenidade de uma ruptura.

Isso revela que o contexto da tentativa de golpe liderada por Chávez contribuiu para que o ato fosse posteriormente norteador de uma aura de vitória simbólica, quando, de certa forma, o golpe teria captado todos os fervores da esperança coletiva, o descontentamento generalizado da população e antecipado a chegada de Chávez ao poder. Afinal, nos idos de 1992, o objetivo dos sublevados era precisamente agir em oposição às medidas impopulares e ao governo e instaurar uma nova normalidade.

De 1998 em diante, houve, *a posteriori*, uma produção simbólica intensiva sobre o golpe de 4 de fevereiro de 1992, que em dado momento se tornou o “4F – Dia da Dignidade nacional”. Como se tentará demonstrar, as cerimônias do 4F serviram de instrumento para a consolidação e socialização de uma memória em relação ao passado, que podem nos revelar aspectos importantes do fenômeno Chávez. Promoveu-se a difusão de valores e ideias específicas, a construção de uma memória com a finalidade de cultivar a adesão e legitimar o novo governo, criar laços de identidade em torno do líder que vão além da apropriação do mito de Simón Bolívar e lançam o próprio Chávez como um herói da nação.

---

<sup>4</sup> MVR foi uma alternativa a MBR, pois não se podia utilizar o nome de Bolívar em siglas partidárias que concorressem às eleições. Contudo, em espanhol, as letras “V” e “B” produzem a mesma fonética. Além disso, a boina vermelha utilizada em 1992 era o símbolo da sigla partidária.

Tem-se a hipótese de que o fato de sempre referenciar nas cerimônias as duas últimas décadas do século XX, que nos anos 2000 qualquer cidadão entre 30 e 40 anos provavelmente conseguiria lembrar de alguma maneira, reside o principal componente desses discursos em que Chávez buscou construir sua imagem e legitimidade, sendo uma importante força de mobilização a seu favor. Embora a comemoração não esteja dissociada do bolivarianismo característico e generalizado, ela contém sua importância por estar sedimentada na memória recente dos vivos e que desenvolve um culto organizado em torno de Hugo Chávez.

### **A construção do 4F – Dia da Dignidade Nacional**

Quando venceu a eleição, Chávez tentou alterar o dia de sua posse, que aconteceria no dia 2 de fevereiro de 1999, para dois dias depois, quando se completava sete anos da “Operação Zamora”, porém não conseguiu. Mesmo assim, a ocasião foi aproveitada para celebrar em Caracas, no “Paseo de Los Próceres”, um grande desfile militar em referência ao dia que, sob sua sombra, teria iniciado a construção de uma nova pátria. Embalados na posse presidencial, uma multidão esteve presente, muitos ostentando a “boina roja” (boina vermelha) como réplica à que Chávez usara no dia do golpe, e que se tornou um símbolo (CHÁVEZ, 2005a).

No ano seguinte, em 4 de fevereiro de 2000, na Praça Caracas, Chávez proferiu para a multidão presente um discurso de quase três horas de duração, exaltando a unidade e a feita militar de 1992 como o maior movimento “cívico-militar” do século XX, que inseriu a pátria num novo período histórico. Observa-se em imagens do momento Chávez vestido de militar, com a boina vermelha, à frente de um enorme busto de Simón Bolívar que tinha ao lado esquerdo o letreiro “4F DIA NACIONAL DE LA DIGNIDAD” e do outro lado “AHORA... A CONSOLIDAR LA REVOLUCIÓN BOLIVARIANA”. Há no público simpatizantes de diversas idades, vários usando a boina (CHÁVEZ, 2005b). A celebração do 4F ocorreu durante todos os anos do governo<sup>5</sup>, em vários lugares, orquestrado cada vez com mais afinco ao espetáculo, que segundo Balandier (1982, p. 10), é a ferramenta tão imprescindível que utiliza o poder para marcar sua entrada na História, expor os valores que exalta e afirmar sua força. Todo espetáculo procura adesões, e essas comemorações não buscam outra coisa que empregar uma história idealizada, construída segundo as necessidades do poder estabelecido, em que são

---

<sup>5</sup> Talvez com exceção dos anos 2001 e 2006, para os quais não foram encontrados discursos ou informações que atestem a comemoração.

reunidas sob seus símbolos e imagens as pessoas que assistem e o chefe, numa realização comum diante dos acontecimentos do passado, do presente, e do futuro ainda por fazer (BALANDIER, 1982, p. 7-10).

No primeiro governo Chávez (1999-2006), o 4F teve uma existência algo informal, em vias de institucionalizar-se. Nesse período a comemoração conviveu com as frequentes agitações dos primeiros anos do governo a nível institucional, como a constituinte de 1999, a nova Constituição “bolivariana”, duas eleições presidenciais em dois anos (1998 e 2000), o sequestro de Chávez em 2002, a eleição revogatória de 2004 e a reeleição de Chávez em 2006. A veemência desses acontecimentos geraram a necessidade do poder de tomar para si a narrativa e os significados que emanavam das sucessivas mobilizações nacionais, de maneira que se pudesse explicar o presente e garantir a hegemonia. Neste contexto coagiu a primeira fase do 4F, quando se construiu por meio das cerimônias a narrativa oficial do passado recente da Venezuela, sobre as convulsões sociais do *Caracazo* e, principalmente, quanto à atuação do MBR em 1992 como uma necessidade histórica, em respaldo ao clamor do povo, em meio ao qual Chávez foi o redentor. Lembrar este passado contribuiu para situar o governo como uma ruptura que abria espaço para um período completamente novo, confirmado pela ação heroica de Chávez constantemente reafirmada.

Antes de mais nada, portanto, o 4F é um dia para lembrar. Por meio dele o presente de glória e mudança é explicado pelo passado de miséria, revolta e abandono. Anualmente, em meio a instabilidade política e as sucessivas vitórias de Chávez, os elementos constitutivos do ritual do poder foram se definindo. Nele, povo e Forças Armadas se uniram no passado sob o sentimento patriótico e resgataram a pátria da degeneração. Essa Unidade, maiúscula, consagrada em 1992, jamais deveria ser desfeita, porque nela a Pátria se mantém. Se dessa união havia resultado a salvação nacional, aquele golpe teria sido uma necessidade histórica, começada por Bolívar e alcançada sob liderança de Chávez. Sua realização máxima, respondendo as necessidades da pátria e de seu povo, foi dividir a história da Venezuela em duas. Apenas seu governo, produto da inquebrantável união, seria capaz de levar adiante o processo de transformação que se pretendia supremo, incontestável, acima de qualquer divergência.

Na cerimônia de 2003, no “Poliedro de Caracas”, Chávez com a já característica boina roja vermelha, frente a um quadro em que dizia “4F UNIDAD CÍVICO-MILITAR, GARANTIA DE VICTÓRIA”, consagrava:

sólo repito la frase: el 4 de febrero partió en dos la historia venezolana, fue un relámpago que abrió un camino y aquí estamos producto de aquellos hechos y la Venezuela de este siglo XXI estará profundamente marcada por ese día, 4 de febrero de 1992. [...] El siglo XXI venezolano comenzó el 4 de febrero de 1992, adelantamos la historia. Ciertamente, hay que hacer un reconocimiento y recordar el inmenso papel que el pueblo venezolano jugó para que este día pudiera ocurrir, hemos dicho en muchas ocasiones y lo reivindicamos, el 4 de febrero fue consecuencia de muchas cosas de las décadas [...] de los 60, de los 70, de los 80, esas cuatro décadas terribles, pero de manera podemos decir una de las causas mediatas, directas del 4 de febrero fue la rebelión popular del 27 de febrero de 1989, si no hubiese habido un 27 de febrero de 1989 probablemente no hubiera ocurrido el 4 de febrero de 1992 (CHÁVEZ, 2005d, p. 136).

27 de fevereiro foi a data em que ocorreu o *Caracazo*. O 4F teria sido a coroação dessa revolta, a continuação dos anseios e da vontade popular dos revoltosos, que historicamente foi bem sucedida com o 4F. A chegada de Chávez ao governo retira qualquer noção de fracasso. A demonstração de que o 4F havia sido consequência das “décadas terríveis”, ressalta o pragmatismo e planejamento para que ocorresse o assalto ao poder, afastando-se de possíveis aparências de aventureirismo. Ao contrário, deu-se num processo de amadurecimento, foi batizado pela rebelião popular de 1989 que, se foi espontânea, no discurso do 4F aparece como clamor ao MBR, como chamada ao redentor.

Na cerimônia, após definir os heróis do momento, define-se os inimigos:

Había caído sobre nosotros una maldición en el 89, porque aquel gobierno que pretendió imponerle al pueblo venezolano las fórmulas elaboradas por el Fondo Monetario Internacional (FMI), aquel gobierno que pretendió conducir a Venezuela por el camino nefasto del neoliberalismo selvaje no dudó un segundo cuando el pueblo salió a reclamar sus derechos y a protestar ante la ignominia y la imposición, aquel gobierno no dudó un instante en ordenar la massacre popular de aquellos días de febrero y de marzo de 1989 (CHÁVEZ, 2005d, p. 137).

As políticas neoliberais são constantemente recordadas não como mera corrente econômica, mas como medidas nefastas. Seus defensores são considerados traidores da pátria. A repressão é lembrada, denunciando a desolação da sociedade diante de um governo alheio às suas necessidades. Isso contrasta com a atitude de Chávez junto ao MBR, que em 1992 tentaram

destituir justamente o governo indigno de Pérez em ato grandioso e generoso. Chávez é inseparável de seu heroísmo: “este soldado no estaría aquí parado si no hubiese ocurrido el 4 de febrero” (CHÁVEZ, 2005d, p. 138). Assim como o líder se constitui de heroísmo, seu governo não é fruto de uma rotineira eleição, mas da redenção da Venezuela, surge da necessidade coletiva.

É constante o resgate dos antecedentes do 4F para justifica-lo como o encerramento de um governo impopular e um novo começo para o país. O governo de Chávez não teria início com a vitória eleitoral em 1998, mas sim seis anos antes. A negligência da vitória eleitoral produz uma maximização do 4F com sua carga de ruptura, sentido que se quer atribuir à essência de seu governo. Para que a percepção de corte e descontinuidade quanto ao passado sombrio se estabeleça, sedimentar uma memória coletiva quanto a determinados acontecimentos, impedindo de esquecê-los e lhes imiscuindo de sentidos objetivos, explicam o caráter instrumental das comemorações do 4F.

Em relação ao discurso, explica Orlandi (2001), a memória de quem viveu um dado período participa de sua construção. O contexto histórico do *Caracazo* e seus desdobramentos criou uma rede de significados para as pessoas que o viveram. O discurso político tem sentido no marco da crise de governabilidade, de convulsão social, aumento dos índices de pobreza e corrupção. Desse modo, a memória de quem viveu esses fatos participa da produção do discurso do 4F, pois lhe oferece elementos, algum respaldo e correspondência. O 4F, de maneira dramática e teatral, maneja esta memória dispersa e constrói outros sentidos precisos, dando-lhe uma forma. Acontece a apropriação da “memória coletiva”<sup>6</sup> a fim de representar a experiência vivida por um grupo social de maneira a situar em Chávez o reflexo de suas aspirações. O 4F é uma mediação que busca articular – numa linguagem codificada, que se atribui de símbolos compartilhados por um grupo – as necessidades e demandas dos indivíduos. Em suma, é um sistema de representação da realidade e do vivido que é socializada na celebração e aspira tornar-se hegemônico, dando sentido aos fatos que ocorreram na história e inculcando valores na sociedade.

---

<sup>6</sup> Em referência ao conceito de Maurice Halbwachs (2003), em *A memória coletiva*, que aponta para fenômenos e acontecimentos que são, de alguma forma, compartilhados por uma coletividade, mesmo que não tenham todos vivido diretamente esses acontecimentos, mas que deles partilham significados.

Chávez utiliza de símbolos que preexistem no imaginário popular, como Simón Bolívar, mas também compõe outros para que seu discurso ideológico e seu governo mesmo não caiam no vazio. Ele busca uma versão dos fatos das décadas recentes que dará legitimidade à atual situação em que está no poder. Celebrar o 4F resulta simbolicamente em estabelecer uma verdade contra as forças do passado e contra seus opositores, sempre realçando a ideia de desestabilidade antes dele e a superioridade da nova situação.

Com essas possibilidades de significação do símbolo, as metáforas são inevitáveis para condensar sentidos. Em 2004, na comemoração de 12 anos, no “Hipódromo La Rinconda”, em Caracas, Chávez referiu ao 4F como a “rebelión de mayor magnitud y mayor alcance que se conozca de su tipo en la historia venezolana” (CHÁVEZ, 2005e, p. 89), porque foi o advento de uma época:

apenas estaba comenzando un amanecer, de que aquello apenas era la primera campanada del nuevo tiempo que se anunciaba, y fue como dije e cuando dije, compañeros, es tiempo de reflexionar, no hemos logrado, “por ahora”, los objetivos que nos propusimos [...] (CHÁVEZ, 2005e, p.93).

Hugo Chávez chega a cumprir a característica descrição do herói contemporâneo feito por Georges Balandier (1982, p. 7-8), que se porta como “mestre da ‘ciência’ das forças históricas”. Todas as manifestações de Chávez no 4F procuram passar essa impressão. Ele sempre convoca um futuro inevitável – em torno de si – e vantajoso para seus seguidores. O 4F teria sido um anúncio providencial, senão uma revelação, do futuro positivo que os esperava. O presente de Hugo Chávez, o seu governo, é iluminado pelo futuro, mas também legitimado pelo passado. Na cerimônia do 4F o líder quer transmitir a sensação de controle do tempo e da história: em 1992, sob o manto de Bolívar (passado), cumpria predestinadamente a consumação da liberdade nacional (futuro). A eventual derrota não o abateu, e disse que “por enquanto” não haviam conseguido. Sua chegada ao poder anos depois não se tratava de uma contingência, como muitos poderiam interpretar, mas da fatalidade histórica que se cumpria. Agora, no governo, a chegada do futuro era uma questão de tempo.

Aparentemente, o período de campanha entre 1992-1998, entre sua prisão e sua vitória eleitoral, não existiu. Tudo começou em 4 de fevereiro de 1992, “una fecha de esas que definen la historia, que parten la historia en dos [...] como un rayo que partió la oscuridad” (CHÁVEZ, 2005e, p. 95).

Mas assim como a efeméride partiu a história, ela parte também a sociedade, entre aqueles que estão do lado do governo, do bem, e os que estão do lado de lá, do mau. Vê-se enfim estabelecido o roteiro da cerimônia tal como uma peça de teatro, para surtir certos efeitos aos telespectadores que a assistem. A nova época deflagrada no 4F possui seus inimigos contra o qual lutaram antes e ainda lutam no presente. A existência da oposição é vista como um retorno ao passado de desgraça, a tentação da traição da pátria. Para eles, o 4F foi um dia de morte. A dicotomia entre novo/velho, luz/escuridão, vida/morte, futuro/passado fazem o jogo dos contrários:

realmente el 4 de febrero es un día de muerte y es un día de parto, nosotros estamos celebrando el parto, ellos estan celebrando la muerte. Que conmemoren su muerte, las viudas del puntofijismo<sup>7</sup> está ahora mismo vestidas de negro, de luto, con flores y con velas, están en su derecho señoras, están en su derecho señores, lloren lo que se fue porque más nunca volverá. ¡Más nunca volverá! (CHÁVEZ, 2005e, p. 96).

Chávez não perde de vista seus opositores, porque eles representam a peça chave para sua significação de herói do povo contra a elite gananciosa que, sob seu governo, está enlutada do passado em que exerceu domínio e foi desbancada. A “morte” desses setores resultou no “parto” do novo regime, que tem o papel de defensor, que impede que o passado volte. Nada como dicotomias para discernimento do público que assiste ao teatro do poder.

Iria Puyosa (1998), em *Análisis del discurso político de Hugo Chávez Frías*, afirma que um dos eixos pragmáticos nos discursos chavistas, além das dicotomias, do autoritarismo e do messianismo, é a construção de seus adversários políticos. Os “outros” são tratados como uma praga, cúpulas podres do *Punto Fijo*, “los engañadores de todas las horas”. Essas expressões permitem uma leitura em que Chávez é o único representante legítimo, que pode dar tanto o início como seguir com qualquer mudança possível. Ele apela a uma adesão irrestrita ao seu governo e, ao mesmo tempo em que deprecia a oposição, seu discurso é direcionado a um público específico.

Em 1999, os índices de pobreza e extrema pobreza na Venezuela alcançavam 49,4% e 21,7% dos domicílios, respectivamente, segundo dados da CEPAL (Comissão Econômica para a

---

<sup>7</sup> Termo referente ao pacto de *Punto Fijo*, citado anteriormente, que encadeou a política dos partidos tradicionais que governaram a Venezuela antes de Chávez. Neste ano, algumas mulheres opositoristas fizeram um ato contrário à comemoração, vestindo-se de preto, como manifestação de luto. Em referência a isso, Chávez as nomeia de viúvas do “puntofijismo”.

América Latina e o Caribe). É exatamente nessa parcela da população que residirá a maior força de apoio a Chávez (GOTT, 2004, p. 44). No ano de 2004, o governo havia lançado as chamadas missões sociais e outros programas de popularização da saúde, educação, combate à fome etc. Esses fatores conjunturais do governo têm espaço nas comemorações do 4F, que também se converte num momento privilegiado para manifestações de opiniões e demandas geralmente ligadas às circunstâncias. Embora tivesse também apoio nos setores médios da sociedade, Chávez estava ciente de que sua maior força se depositava nos setores menos favorecidos da sociedade, pelo que utilizou as políticas sociais como ferramentas de comparação palpável com o passado: “Vean ustedes, sin 4 de febrero no hubiese Misión Barrio Adentro, sin 4 de febrero no hubiese Misión Robinson, ni Ribas, ni Sucre. Pronto nacerá la Misión Vuelvan Caras” (CHÁVEZ, 2005e, p. 100). Sem o 4F e o governo, tais missões sociais não teriam sido possíveis. E, sem seu governo, todos esses avanços na qualidade de vida geral da população se perderiam.

Como já foi dito, embora busque sua inspiração nos símbolos nacionais, nos supostos princípios de Bolívar, o fundador da nação, instituindo assim a dimensão transcendente de seu governo, Chávez impõe sua marca. A característica das sociedades tradicionais descritas por Balandier (1982), de associarem-se a uma figura longínqua, num mito fundacional sempre retomado para reproduzir uma organização social, reafirmar a manutenção do poder apelando ao imaginário coletivo, não é de toda rompida em Chávez. Ele insere na contemporaneidade da técnica e da ciência, dos meios de divulgação avançados e do acontecimento, a mística do comando impessoal de uma autoridade suprema, dos antepassados que se exprimem por seu intermédio. Contudo, é certo, a eloquência que adorna a superfície dos discursos chavistas também se valida das necessidades imediatas do cotidiano dos venezuelanos. Ele se alimenta dos acontecimentos factíveis de seu tempo e os reforça para afirmar seu poder. A constante comemoração do acontecimento do 4F não indica outra coisa que a vontade de se inscrever duravelmente no tempo e na ordem do poder por meio de ações, obras e criações que expressam “sua” personalidade e brilho.

A cerimônia constrói a figura mítica de Chávez como a permanente subversão da “antiga” ordem neoliberal que aspira retornar, seu constante chamado mantém acesa a chama, sem deixar cair a guarda e cessar os ânimos, sem se dissolver na letargia monótona da burocracia do governo. Por meio da dramatização conjunta dos elementos históricos, o ritual constrói a

mitologia própria do líder, que não se reduz à tradição que representa Bolívar. Não significa dizer que Bolívar não tenha importância simbólica contribuinte na construção do sentido da comemoração, mas que a força simbólica de Chávez reside poderosamente na construção de novos sentidos sintonizados com os problemas contemporâneos e traduzidos em sua figura de condutor da mudança. O apelo à tradição bolivariana se sustenta ou encontra eficácia nos acontecimentos recentes em que Chávez está no centro.

Muito importantes são as operações simbólicas mais permanentes que as solenidades anuais. O 4F engendra sua narrativa da história e dos acontecimentos que se traduz também na política de obras monumentais, os “lugares de memória” preconizados por Pierre Nora (1993), que presentificam o passado em sólidos lugares, impedindo de esquecê-lo. O “Cuartel La Montaña”, de onde Chávez organizou a tentativa de golpe em 1992, transmutou-se, sob seu governo, em Museu Histórico da Revolução, ganhando em seu cuspide um enorme emblema do 4F, que possui em seu desenho um sol nascente, simulando o amanhecer. Um lugar de memória, portanto, em que a imaginação investe de uma áurea simbólica, passando a ser objeto de ritual político, de memoração, de forma a cristalizar uma determinada lembrança e um imaginário. É próprio de seu funcionamento selecionar e sedimentar os aspectos do que se lembra e como se lembra, de maneira a transmitir e preservar no tempo, perpetuando-se para as gerações futuras e para os indivíduos – geralmente a maioria que não participou dos acontecimentos que o lugar simboliza – um estado de coisas, um quadro de sentidos e sinais.

Assim, na construção do 4F, produz-se uma dramaturgia esparsa, importantíssima no exercício do poder segundo Balandier (1982), em que há uma manipulação do imaginário em favor de Chávez, quando são articulados valores nacionalistas, avanços materiais, determinada visão do passado e uma expectativa de futuro promissor a partir de um presente em que as pessoas deveriam compactuar com os valores chavistas. Isso foi possível numa época de crise do poder representativo, neste caso a ilegitimidade do pacto “Punto Fijo”, num processo de instabilidade política, econômica e social, em meio ao qual se intensificou na Venezuela a produção de imaginários, para lembrar Baczko (1985), que possibilitou a produção de novos símbolos que cumprem a função de legitimar e dar sentido à nova ordem que se estabelece, a seu discurso, valores e ideais.

Em 2005 pela primeira vez o título do discurso de Chávez foi registrado nos cadernos oficiais como “dia da Dignidade”. Chávez terminou seu primeiro mandato em fins de 2006 num panorama muito mais estável que no início da década. Com 75% de participação, foi reeleito com quase 63% dos votos para um mandato que desenrolaria até 2013, ano de sua morte. Desde 2004 a Venezuela entrou num processo de crescimento econômico, de aumento dos postos de trabalho, poder de compra e acesso à saúde, estabilizando a popularidade de Chávez em patamares extremamente elevados (MARINGONI, 2009, p. 39-41). Chávez também criou, em 2007, um novo partido, o PSUV (Partido Socialista Unido de Venezuela), que reuniu numa enorme bancada única as agremiações políticas de esquerda aliadas ao governo.

Nesse novo contexto de consolidação do poder de Chávez, os discursos na cerimônia do 4F ficam relativamente menores, mas são compensados pela simbologia de projetados desfiles militares, pela consagração mais sólida de uma memória e ainda por um maior personalismo. No cenário de maior estabilidade, há uma sensível modificação na percepção do tempo, mais voltado para o futuro previsto. O 4F se sofisticou, foi institucionalizado como efeméride nacional a ser promovida pelo governo em todo território do país. Embalado na recente vitória eleitoral em fins de 2006 e nos bons índices socioeconômicos, o tempo presente não era mais ameaçado como antes, pois estava assegurado pela “união cívico-militar” que teria sido moldada em 1992 e assegurada pelo governo bolivariano. Adiante, a tarefa era construir um futuro tão certo que continha nome: “Socialismo do Século XXI”.<sup>8</sup>

No aniversário de 15 anos da tentativa de golpe, em 2007, aproximadamente dez mil militares marcharam no “Paseo de Los Próceres”, na festividade dupla pelo 4F e pela oficialização do Dia da Dignidade num acordo da Assembleia Nacional da República Bolivariana de Venezuela, quando se protocolou o documento em que firmava:

Que este 04 de febrero de 2007 se cumple el décimo quinto aniversario de la epopeya cívico-militar que en 1992 protagonizara el pueblo venezolano y un grupo de militares con ideales patrióticos que [...] pronunciaron en contra de la injusticia, del latrocínio, de la corrupción, de la inoperancia y de la exclusión social sostenida por los ignominiosos gobiernos neoliberales del pasado, cuyos

---

<sup>8</sup> Em 2005, foram publicados todos os discursos de Hugo Chávez em cadernos oficiais do governo. É interessante notar que, à maneira da Revolução Cubana (1959), com a qual Chávez nunca escondeu simpatias, a cada ano do governo revolucionário foi dado um nome específico, inserindo no calendário as marcas definitivas e inapagáveis de um novo tempo que teve início com o governo em 1999. Isso pode ser notado nas referências dos discursos de Chávez utilizados neste artigo, presentes na bibliografia ao final do trabalho.

actos inmorales y decadentes generaron la indignación ciudadana manifestada en la explosión social acontecida el 27 de febrero de 1989 (CHÁVEZ, 2007, p. 11).

O documento fala em “epopeia civil-militar” protagonizada pelo povo e um grupo de militares. Trata-se da consolidação de uma imagem oficial de um protagonismo popular que não houve. Há exceção de um grupo de estudantes na cidade de Valência, a participação popular em 1992 foi praticamente nula. Mas na intenção de idealizar o governo como uma união entre militares e civis, o governo Chávez procura inserir uma participação popular que não existiu. A falta de envolvimento real da sociedade em geral no 4F leva a essa tentativa de compensação por meio de uma orquestrada manifestação simbólica e “enquadramento da memória”, para utilizar o termo de Michel Pollak (1989).

Entre outras coisas gerais sobre o 4F, o documento prega o reconhecimento de um novo capítulo na história da pátria, configurado por um governo patriótico e popular, inspirado pelos lendários heróis nacionais e levada a cabo pelo “máximo líder do processo revolucionário Hugo Chávez Frías”. O documento ainda exortava os órgãos públicos de todo o país a promoverem homenagens aos caídos do 4F e a construção de monumentos. Foi criada a condecoração 4F, em homenagem aos que participaram do assalto. O objetivo de institucionalizar oficialmente a data se dá por meio de uma “advertência” ao poder executivo de decretar o dia 4 de fevereiro de cada ano como o Dia da Dignidade e integração civil-militar da República Bolivariana de Venezuela (CHÁVEZ, 2007). Se antes a comemoração ocorria onde estava a presença física do presidente, a partir de então as manifestações simbólicas deveriam estender-se nacionalmente, em meio à manifestações populares, reforçando o perfil civil de um evento do qual eles, originalmente, estiveram ausentes.

Por meio do 4F, Chávez aspirou a mesma posição histórica dos líderes nacionais de outrora. A cerimônia foi construída de maneira a instituir, tal como fizeram com Bolívar, uma simbiose entre líder e nação, onde o seu destino é o destino de toda a coletividade. E de fato, a ausência física de Chávez não impediria que seus seguidores continuassem a recordar o 4F e seu legado, legitimando sua memória, a qual se conectam de alguma maneira, como veremos adiante. O 4F logra instituir um imaginário político e social que possui as características indicadas por Baczko (1985, p. 309), principalmente a consumação de uma identidade de grupo. A identidade construída no ritual em torno do líder e seus heróis demarca os papéis dentro de uma ordem

social, onde cada um tem seu lugar atravessado pela ideologia. Concomitante à construção de um perfil político por meio da cerimônia, são produzidas também a imagem dos amigos integrantes da seita, bem como do “outro”, dos inimigos e rivais. Nas representações do 4F, a entidade “povo” e forças armadas estão unidos, o exército (que Chávez representa, vale lembrar) é tido como a encarnação genuína do povo em serviço da pátria, contra o imperialismo, o neoliberalismo, a repressão, a oligarquia, os traidores da nação. Neste quadro, lutar contra esses inimigos requer a lealdade ao líder aclamado no 4F.

No seu segundo governo, a celebração já admite a vitória incontestável no presente e mira o futuro. A representação do acontecimento de 4 fevereiro de 1992 que se construiu posteriormente almeja estabelecer um padrão de comparação entre o governo Chávez e os predecessores. Estes impuseram medidas de austeridade econômica, reprimiram violentamente as manifestações e dispôs as forças armadas contra os interesses da população, tomando uma postura apátrida e entreguista aos interesses transnacionais; Chávez, à frente de um grupo armado, teria reatado a missão histórica do exército em defender os interesses patrióticos dos venezuelanos, numa suposta união cívico-militar, reinserindo o país em sua destinação histórica de independência contra o imperialismo e colocando a agenda social no centro de seu governo. O passado é de traição, o presente de redenção, porque a nação se reencontrou em Chávez. Ao firmar a narrativa dos acontecimentos passados numa moldura fixa na parede da memória, o passado é lembrado para se festejar o presente de muitas promessas e sonhos, que guia o povo nos caminhos do porvir.

“Hoy, pueblo y Fuerza Armada construimos en paz y en democracia un país de justicia social. Mi Comandante, *por ahora y por siempre*, valió el sacrificio” (grifo meu) (CHÁVEZ, 2007, p. 17). Assim se iniciou a cerimônia do 4F de 2007, com um general fazendo a abertura em reverência e agradecimento a Chávez, recitando seu famoso e consagrado termo de 1992, “por ahora” e adicionando o “por siempre”, na certeza de uma perpetuação do regime, negando qualquer possibilidade de contingência histórica. O discurso do presidente é mais orientado para o futuro promissor, cujas bases já estavam montadas:

¡El que tenga ojos que vea y el que tenga oídos que oiga! Los soldados venezolanos comprometidos estamos junto al pueblo, en la construcción del Socialismo Bolivariano de siglo XXI, único camino para hacer realidad los sueños más sublimes de nuestra Patria. Es el único camino: el Socialismo

Bolivariano, Cristiano, Zamorano, Indoamericano, Venezolano. En esa dirección vamos (CHÁVEZ, 2007, p. 33).

Além de usar de referências históricas para legitimar suas ações, há ainda a recorrência à passagem bíblica que indica uma predestinação sagrada ao futuro em que a esperança está depositada, e em torno do qual se cria coesão e se mobiliza no presente: a construção do socialismo, diferente do que já existiu, desta vez “bolivariano”, “cristão”, “zamorano”, “indoamericano”, “venezuelano”, em suma. Mas, como uma utopia, projetado como o que há de vir, para algo que se concretizará mas ninguém sabe exatamente quando. Um processo, uma caminhada rumo a um horizonte generoso que deve mantê-los em movimento, unidos em torno de um mesmo ideal. Mas seria um socialismo de valores autóctones, que nasce da América Latina, da Venezuela mais especificamente, como outrora ascendeu o farol da libertação, no tempo de Bolívar. Porém, que não se perca de vista a marca atual e chavista, que é indelével, como demonstra o grito de guerra acrescentado ao desfile: “¡Patria, Socialismo o muerte!”.

O Dia da Dignidade constrói fundamentalmente uma narrativa coerente que condensa os acontecimentos, o tempo e a história numa linearidade progressiva irreduzível. Anuncia messianicamente uma nova pátria que se incorpora na figura de Chávez. O evento foi, sem dúvida, um dos mecanismos de fortalecimento do culto à sua personalidade.

Na abertura do desfile de 2009, o apresentador, que media a abertura do desfile e antecede o discurso de Chávez, relembra os atos heroicos do MBR em 1992 que teria motivado “al árduo y agotador pero glorioso proceso en cambio que actualmente nos dignifica como nación ante el mundo y que nos hace sentir orgullosos de ser venezolanos”. Estavam presentes várias autoridades e militares com suas boinas vermelhas para

recibir e homenajear al comandante em jefe Hugo Chávez, líder del proceso revolucionario venezolano, único con características particulares y ejemplo digno para el mundo. Recibamos con un fuerte y calurosos aplausos a estos compatriotas que forjaron el renacer de la esperanza bolivariana, un nuevo amanecer (CHÁVEZ, 2009, p. 1).

Chávez é realçado como líder único e insubstituível. Nesta cerimônia, cantou-se três vezes o hino nacional: uma em honra da pátria, outra em honra ao “Ciudadano Comandante en Jefe” Hugo Chávez e a terceira vez para a bandeira do país, dando a entender que ele estava à mesma altura da pátria e da bandeira nacional, e entre elas, formando a tríade una.

Como de praxe, Chávez tratou de homenagear os caídos, lembrar as décadas passadas, atacar o imperialismo, dizer que o 4F inseriu o país no século XXI, apelar apoio ao seu governo patriótico e impulsionar o rumo ao futuro. Nesse discurso de 2009 ele pede saúde para seguir em frente aos quatro anos que lhe restam de mandato e os outros seis que lhe viriam, até 2019! Já planejava seu quarto mandato. Não era segredo sua intenção de permanecer no poder o máximo que pudesse, pois ele já dizia sobre a conclusão do seu plano em 2021, ano em que se completará duzentos anos da independência definitiva da Venezuela do julgo espanhol. (MARCANO & TYSZKA, 2006, p. 351). Chávez buscava convencer ou estava convencido da transcendência implacável e indestrutível de sua figura. Contudo, vítima das circunstâncias, mais uma vez, aproveita a cerimônia para a mobilização eleitoral em seu favor e estender seu domínio político.

No dia 15 de fevereiro de 2009 foi votada na Venezuela uma ementa constitucional de reeleição ilimitada, para que Chávez disputasse novamente o cargo da presidência em 2012 e permanecesse no governo até 2019. Chávez não se preocupou ou não quis formar um sucessor neste momento, e seu projeto de governo foi tão personalizado em sua figura que não seria exagero supor que quisesse eternizar-se no poder. A ementa foi vitoriosa com 54,3% dos votos e se absteve 32,95% do eleitorado venezuelano.

A simbiose simbólica do líder com a pátria e seu destino traduzida no 4F é reforçada numa passagem em que ele orienta os eleitores a não se equivocarem na hora de votar na ementa de reeleição ilimitada, “para que no se equivoque y no vaya a votar inocentemente contra la Patria, o anular el voto” (CHÁVEZ, 2009, p. 10). O 4F é interessante ainda mais porque é um símbolo que busca suplantiar a imagem de Chávez para além da simples ocupação de um cargo presidencial, tomando para si a narrativa e os significados da existência nacional. Aderir a seu projeto é aderir a essa entidade antiga e sagrada. No seu discurso, ele e o futuro do país se misturam:

¡Venezuela moría! No había salida! El pueblo era masacrado, no sólo el 27 de febrero del 89, todos los días, el pueblo perseguido, masacrado. No se veía salida. De algún rincón tenía que brotar la voz que anunciara un rumbo (CHÁVEZ, 2009, p. 13-14).

Seu ato foi o anúncio de um rumo, de um futuro de paz, glória, “el tiempo que Cristo vino a anunciar: el reino de la paz, el reino de la vida, el reino del bienestar” (CHÁVEZ, 2009, p. 13-14). Vejamos bem: o tempo que Jesus Cristo anunciou que viria iniciou-se com o 4 de

fevereiro de 1992. Cristo, Bolívar, outros heróis e a história venezuelana, tudo converge ao Dia da Dignidade em que Chávez é o salvador e até profeta.

E assim, até o fim, a comemoração do 4F girou em torno de uma simbologia que coloria o passado do país, sua história, suas derrotas e cultivava a necessidade de um herói, militar, como o Pai da Pátria de outrora. Uma vanguarda que orientasse e atendesse o povo e seus anseios. Na celebração de 2011, Chaves afirmou que “el pueblo no podia, el pueblo arrancaba y chocaba contra un muro y caía y se volvía a parar, y volvía a chocar, y entonces se hizo realidad la frase bolivariana, el Ejército es el pueblo que puede, y eso quedó demostrado el 4 de febrero de 1992” (CHÁVEZ, 2011, p. 1). No aniversário de 20 anos em 2012, onde estiveram presentes figuras como Raul Castro, Evo Morales, Rafael Corrêa e outros representantes nacionais latino-americanos, com a boina vermelha, Chávez (2012, p. 3) finalizou seu discurso de uma maneira que talvez sempre esteve na intenção dessa comemoração: “Bueno, este es un desfile histórico, bolivariano, revolucionário. Como es nuestro pueblo e nuestra Fuerza armada. Y además – Alcalá, para que no lo oiga la burguesia – chavista, chavista”.

Em 2013, Chávez enviou uma carta de Cuba para o povo venezuelano na ocasião do 4F, que foi lida pelo vice-presidente Nicolás Maduro. Chávez se tratava de um câncer na ilha, e veio a falecer no dia 5 de março. Mesmo após sua morte, seu sucessor e herdeiro político Nicolás Maduro levou adiante a cerimônia do 4F todos os anos, que é comemorada ainda hoje, em memória do Comandante da Revolução Socialista Bolivariana. O projeto de tornar Chávez um ícone nacional chegou ao clímax após sua morte, quando Maduro se mobilizou para embalsamar o corpo e fixa-lo numa câmara de cristal, homenagem digna dos grandes mitos políticos do século XX, como Lênin, Ho Chi Min e Mao Tsé-Tung. Por problemas técnicos, não foi possível levar esta empreitada de imortalidade cívica adiante. O velório, porém, durou sete dias, a boina vermelha esteve sobre diversas cabeças e um boné trivial estampado com o símbolo do 4F foi bastante cobiçado (LAVELBERG, 2013). Permanece a continuidade do esforço em esconder o homem por detrás de sua significação política, para que não seja carne, mas imagem, um modelo de inspiração para as gerações futuras.

Por todos esses anos, Chávez metamorfoseou-se através do 4F em várias possibilidades do fenômeno histórico do “salvador” descritas por Girardet (1987). Ele foi o salvador desejado,

esperado e clamado. Quando a Venezuela morria, ele apareceu para salvá-la; então deu-se o tempo da presença, do salvador enfim surgido, aquele que atua para cumprir o curso da história, instituindo rupturas e sonhando futuros; vencido pela morte, habitou o tempo da lembrança que seu desaparecimento não foi capaz de dissipar. Seu lugar é a amplitude da memória coletiva, último reduto da construção mítica do herói salvador: Chávez foi enterrado no Quartel La Montaña, que hoje abriga o Museu Histórico da Revolução, que ostenta em seu cuspide o símbolo do 4F e recebe visitas constantes. O sarcófago, que contém a 'Flor dos 4 Elementos' – água, fogo, terra e ar – sustenta o féretro que abriga seu corpo, representando a metáfora do renascer ou florescer da nova pátria e da Nova América.

### **Considerações finais**

O governo de Hugo Chávez na Venezuela é representativo do espaço que a dramaturgia e o espetáculo ocupam no exercício e na construção do poder no mundo contemporâneo. Apesar de não abandonar os símbolos da tradição, como Bolívar, e a nação enquanto entidade antiga, anterior aos indivíduos de dada fronteira, a ocasião do golpe de Estado de 1992 tentada pelo MBR sob liderança de Chávez figura aquele tipo de acontecimento que, inspirando-nos em Balandier (1982), marcam o tempo presente das democracias por quebrarem a rotina e se tornarem espetáculos midiáticos que interferem no rumo das coisas e na organização do poder. A autoridade de Chávez foi gestada num pequeno discurso que proferiu diante das câmeras e divulgadas para todo país, assumindo a tentativa de golpe em meio à ilegitimidade dos órgãos representativos e convocando o futuro. Foi uma situação típica para germinar a figura do herói descrito por Balandier (1982, p. 7-8), engendrado em sua força dramática, oferecendo surpresa, ação e sucesso, ao menos simbólico, que lhe provoca adesão.

Ao ser eleito presidente três vezes, numa sucessão interrompida por sua morte, Chávez recorreu à cerimônia do 4F, em constante reinterpretação do passado e produção de imagens, símbolos e imaginários que são inseparáveis do seu poder. O 4F traduz a dramaturgia do poder estabelecido que procura perpetuar-se pela manipulação do imaginário a seu favor, retomando mitos antigos e construindo mitos novos que alimentam o campo político e lhe dão sentido.

O Dia da Dignidade Nacional tratou-se, então, de uma cerimônia legitimadora do governo Chávez através da apropriação de símbolos nacionais e da memória social do período

das décadas de 1980-1990. Com o passar do tempo, na medida em que Chávez se estabilizou no governo, a cerimônia anual demonstrou ser também o reflexo de sua política personalista e autoritária, na medida em que se instituía como via única e irrevogável de superação dos problemas do país e marco indelével de uma nova época.

Como foi dito acima, as apropriações da figura de Simón Bolívar por Chávez em seus diversos discursos e em constantes aparições públicas tem chamado a atenção de observadores e pesquisadores como a principal fonte a que recorreu para incentivar a coesão social em torno de suas ações e ideias. Porém, como vimos através do 4F, ele também utiliza efetivamente de mecanismos simbólicos intimamente ligado às circunstâncias em que chegou ao poder, que contribuem para a construção da sua própria imagem enquanto líder e herói nacional. A partir dos significados produzidos nas celebrações do 4F, a história da nação venezuelana teria necessariamente que destaca-lo como referência mais importante depois de Bolívar, como atualizador, continuador e finalizador vitorioso de sua tarefa. Não é uma honra simples.

Qualquer análise histórica de figuras legendárias envolve a dificuldade de perceber em que momento acontece a passagem do histórico ao mítico. Como escreveu Girardet (1987, p. 82):

Todo processo de heroificação implica [...] uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história. O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência.

O legendário de Hugo Chávez é inseparável do *Caracazo* e do golpe de Estado de 1992, em meio a que surgiu sua imagem. Mas não parou por aí, diversos outros elementos contribuíram para o aperfeiçoamento de seu semblante algo coerente. A geopolítica mundial na qual a Venezuela estava desfavorecida, ao tempo que se trata de um dos maiores produtores de petróleo do mundo, incrementou a busca de maior protagonismo internacional. No contexto de fins de século de avanço do neoliberalismo e das desigualdades sociais, juntamente à apatia política, fomentou um discurso contrário à hegemonia da oligarquia venezuelana, dos Estados Unidos e dos órgãos econômicos internacionais (FMI e Bird). Após ter seu mandato ameaçado em 2002, durante a década de 2000, no cenário político latino-americano, Chávez se tornou o governo mais antagônico em relação aos EUA, no plano geopolítico e em sua retórica (MONTEIRO, 2014). Atento às técnicas contemporâneas, que de maneira alguma vieram para minar o simbolismo das

ações humanas, Chávez criou seu próprio programa de TV dominical, o “Alô, presidente”, ousada máquina de propaganda política em que atendia ao vivo ligações de cidadãos de todo o país para ouvir suas premências. Isso não apenas disseminava sua presença para dentro dos lares, mas lapidava sua mística aura de protetor disponível, que atua diretamente.

Chávez apelou para as forças da ruptura, da mudança, e soube se consolidar entre um grupo social específico, com o qual procurou construir sua identidade. Afirma-nos Richard Gott (2004, p. 12) que, no governo Chávez, “em todos os morros apoia-se a revolução”, e diz adiante que “quem apóia Chávez são os pobres” (GOTT, 2004, p. 44). Os biógrafos Marcano e Tyszka (2006, p. 335) escreveram que Chávez foi rotulado de diversas maneiras, mas que ninguém poderia deixar de observar e reconhecer seu carisma, “essa magia que estabeleceu com os pobres da Venezuela”, além disso, “para eles, Chávez é um sentimento profundo, inquestionável; uma emoção que já se tornou uma fé”. Também é inegável a comoção nacional que causou o seu falecimento.

As cerimônias foram uma transmutação simbólica que traduziu os aspectos contextuais numa comoção nacional. Não se trata no 4F, como se pode pensar, de simplesmente fazer uma apologia à militarização da Venezuela, de inculcar uma serventia militar nos cidadãos<sup>9</sup>, mas algo muito mais significativo. Subsistiu em todas as comemorações - o que aponta para sua força afetiva de criar coesão por meio do símbolo e da imaginação - a identificação a um herói que buscou canalizar os protestos diante da situação política e econômica do país no final do século XX de hegemonia do neoliberalismo. Toda e qualquer manifestação simbólica do governo Chávez tem sua eficácia mobilizadora dentro de um contexto democrático que favoreceu seu tipo de liderança. Chávez procurou, exemplarmente, conduzir sua imagem no caminho de uma hegemonia carismática admirável contrária ao *status quo*, favorecida pela imensa divulgação de sua imagem em 1992. Para melhor compreendermos o fenômeno de seu governo, de constantes vitórias eleitorais num mandato personalista que alcançaria 21 anos não fosse interrompido por sua morte, é preciso relacioná-lo com o ambiente social, político, econômico e cultural específico em que ele de fato se realizou, sem jamais, contudo, menosprezar sua potencialidade mítica, dos

---

<sup>9</sup> Um dado exclusivo da Venezuela é que desde 1958 o país não passou por ditaduras militares, ao contrário do restante da América Latina. As Forças Armadas não são relacionadas ao autoritarismo sangrento que marcaram sua participação nas ditaduras dos países vizinhos.

quais é dependente. Não satisfaz as evidências de que seus discursos são depósitos de símbolos. Chávez demonstrou que o diálogo dinâmico entre o ritual, o simbólico e o político vai continuar na história sempre aberta a cesuras.

Num jogo de duas memórias não excludentes, uma que resgata Bolívar como fundamentação para o governo e outra que Chávez buscou consolidar sobre si mesmo em suas práticas através do Dia da Dignidade, foi construída a força de sua imagem. Trata-se, enfim, de reconhecer o símbolo do 4F como uma memorização do acontecer social, como estabelecimento de certa memória unificadora, sendo um importante fator do exercício do poder: a celebração é um momento privilegiado em que se decide o que deve ser lembrando, como deve ser lembrado e, importante, o que deve ser esquecido, com a finalidade de ação prática no cotidiano da vida das pessoas. O golpe de 1992 foi despido de sua carga de violência e adquiriu uma nova legitimidade.

### Referências bibliográficas

- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social In: Leach, Edmund *et al.* **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- CASTAÑEDA, Jorge. **Utopia desarmada**: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHÁVEZ, Hugo. Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo del desfile militar em conmemoracion del 4 de febrero. *In.* **1999: Año de la refundación de la república**. Caracas: Ediciones de la presidencia de la República, 2005a. p. 39-46.
- CHÁVEZ, Hugo. Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la conmemoración del 4 de febrero de 1992. *In.* **2000: Año de la relegitimación de poderes**. Caracas: Ediciones de lapresidencia de la República, 2005b. p. 101-138.
- CHÁVEZ, Hugo. Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la conmemoración de los 10 años del 4 de febrero de 1992. *In.* **2002: Año de la resistência antiimperialista**. Caracas: Ediciones de la presidencia de la República, 2005c. p. 155-159.
- CHÁVEZ, Hugo. Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la conmemoración del 4 de febrero de 1992. *In.* **2003: Año de la contraofensiva y la victoria antiimperialista**. Caracas: Ediciones de la presidencia de la República. 2005d. p. 133-152.

CHÁVEZ, Hugo. Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la conmemoración del XII aniversario del 4 de febrero de 1992. *In.*: **2004: Año de la gran victoria popular e revolucionaria**. Caracas: Ediciones de la presidencia de la República. 2005e. p.87-105.

CHÁVEZ, Hugo. Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la concentración “Día de la Dignidad”. *In.*: **2005: Año del salto adelante hacia al socialismo del siglo XXI**. Caracas: Ediciones de la presidencia de la República. 2005f. p 121-150.

CHÁVEZ, Hugo. **4F El Amanecer de la Esperanza**. Caracas: Ministerio del Poder Popular para la Comunicación e Información, 2007.

CHÁVEZ, Hugo. **Desfile cívico militar con motivo del XVII aniversario de la rebelión militar del 4 de febrero de 1992**. Caracas: Ministerio del Poder Popular para la Comunicación y la Información, 2009.

CHÁVEZ, Hugo. **Conmemoración del 4F** (Fragmentos do discurso de 2011). Disponível em <http://www.revolucionomuerte.org/index.php/discursos/discursos-comandante-hugo-chavez/171-chavez-diferencias-entre-el-4-de-febrero-de-1992-y-el-27-de-enero-de-1989>. Acesso em: 10 ago. 2018.

CHÁVEZ, Hugo. **Desfile 20 aniversario del 4 de febrero de 1992** (Discurso de 2012). Disponível em: <http://www.revolucionomuerte.org/index.php/discursos/discursos-comandante-hugo-chavez/115-lea-el-discurso-del-comandante-chavez-en-el-desfile-del-20-aniversario-del-4f-de-1992>. Acesso em: 10 ago. 2018.

**Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL)**. Disponível em: [http://interwp.cepal.org/cepalstat/WEB\\_cepstat/Perfil\\_nacional\\_social.asp?Pais=VEN&idio=ma=e..](http://interwp.cepal.org/cepalstat/WEB_cepstat/Perfil_nacional_social.asp?Pais=VEN&idio=ma=e..) Acesso em: 10 ago. 2018.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOTT, RICHARD. **À sombra do libertador: Hugo Chávez Frías e a transformação da Venezuela**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

LAVELBERG, Carlos. Boné alude a golpe fracassado de Chávez vira souvenir cobiçado na Venezuela.... **UOL Notícias Internacional**, Caracas, 09 de mar. 2013. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/03/09/bone-que-alude-a-golpe-fracassado-de-chavez-vira-souvenir-cobicado-na-venezuela.htm>. Acesso em 11 ago. 2018.

MARCANO, Cristina. TYSZKA, Alberto Barrera. **Hugo Chávez sem uniforme: uma história pessoal**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2006.

MARINGONI, Gilberto. **A Revolução Venezuelana**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MONTEIRO, Leonardo Valente. Revisionismos de relações com os Estados Unidos e suas variáveis nos governos progressistas da América do Sul. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v.57, n.1, Brasília, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292014000100177&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292014000100177&script=sci_arttext). Acesso em: 9 ago. 2018.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, (10), 1993. p. 7-28.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 3ª edição, 2001.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRADO, Maria Lígia Coelho. As versões de Bolívar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 jan. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2101200707.htm>. Acesso em: 11 ago. 2018.

PUYOSA, Iria. Análisis del discurso político de Hugo Chávez Frías. Gesta de un mesías. **Comunicación**, nº 104, Caracas, Centro Gumilla, 1998.

VILLA, Rafael Duarte. Venezuela: mudanças políticas na era Chávez. **Estudos Avançados**, 19(55), 2005, p. 153-172.